

## **NOTA EDITORIAL<sup>1</sup>**

A direcção de revista e o seu corpo editorial sentem ser seu dever iniciar esta nota com uma assunção de responsabilidade pelo atraso com que surge a público o presente número de 2020. Embora o lapso temporal desse atraso seja, mesmo assim, inferior ao tempo de duração da emergência de saúde pública que a todos condicionou, reconhecemos que podíamos ter feito melhor na luta contra os imponderáveis externos aos estudos medievais. A vida não parou e, como sempre sucede quando ocorrem acidentes e imprevistos, os mais expostos são aqueles que tendem a acumular o maior número de prejuízos. No caso vertente, temos essencialmente em vista – mas não só – os jovens investigadores cujos contributos têm sido, e continuarão seguramente a ser, a mais sólida aposta numa renovação das perspectivas históricas vigentes no meio académico português – qualquer que seja o objecto da «História» em causa. Foram estes os que se viram, de várias formas, mais desfavorecidos nos respectivos percursos de aquisição de maturidade intelectual e material ao longo do período excepcional que todos vivemos.

Não será essa a principal razão que nos leva a conceber de uma forma quase temática o presente número da revista, mas esse conjunto de condições pesará sempre, sem qualquer dúvida, na decisão que nos levou a assumir, desta vez, um ponto de partida diverso daquele que orientou os anteriores números. Na realidade, remonta a Fevereiro de 2020 a realização, na Faculdade de Letras da Universidade do Porto, do colóquio internacional «Aristocracia, parentesco e reprodução social», promovido por Miguel Aguiar e Maria do Rosário Ferreira no âmbito do Projecto MELE. Como sempre tem sucedido, um evento público deste tipo torna-se o lugar a partir do qual se afinam ideias e germinam novos argumentos e pistas de investigação, excedendo o âmbito mais restrito das temáticas tratadas pelos participantes. Tal como as encaramos, reuniões de investigadores que se destinam a trocar informações e ideias raramente possuem uma mera função de consagração dos discursos instituídos, antes sendo o ponto de partida para uma revisitação ampla dos temas aí tratados, com vista à renovação dos saberes que se foram adquirindo. Ora, é nossa convicção que, na ausência desse processo, é o saber histórico que sai a perder, não aproveitando uma oportunidade de se ver criticamente reavaliado e actualizado, com prejuízo de todos os que aspiram a algum rigor nesta área.

Estas circunstâncias levaram-nos a ponderar a oportunidade de consagrar este volume da nossa revista à temática da reprodução social da aristocracia na Idade Média, acolhendo os valiosos contributos que entretanto nos foram chegando em torno desta temática, onde se combinam, uma vez mais, perspectivas da História e da Literatura,

---

<sup>1</sup> <https://doi.org/10.21747/21839301/gua5ne>

enquanto domínios gerais predominantes, mas ambas atentas ao discurso sobre a sociedade produzido em circunstâncias historicamente identificadas, sendo proveniente do grupo social aristocrático da baixa Idade Média, ou tendo-o como objecto. Deste modo, procuramos dar o devido relevo a uma temática de investigação que, entre nós, adquiriu um extraordinário peso desde as últimas décadas do século XX, com os trabalhos fundamentais do Prof. José Mattoso, prosseguida por alguns dos seus discípulos, entre os quais se contam os investigadores do projecto MELE.

As mesmas circunstâncias levam-nos a não dar lugar, neste número, à usual apresentação de trabalhos, de livros e de projectos corrente nos números anteriores da *Guarecer*, prática a ser retomada no número referente a 2021, que esperamos poder publicar em breve.

*José Carlos Ribeiro Miranda*